

PRÉMIO VERGÍLIO FERREIRA

Intervenção

1 março 2023

Ondjaki, ouvi dizer que este seu nome literário “é uma palavra umbundu”, língua do sul de Angola, que tem vários significados, desde “guerreiro” a “traquinas”, e que também pode significar “aquele que enfrenta desafios”, que é o que fazem, afinal, guerreiros e traquinas. E poetas, e escritores...

As guerras de Ondjaki, as de que fala nos seus livros, das mais íntimas às mais públicas ou políticas, são as que conhecemos e nos desgostam e desesperam. Mas as que talvez cheguem no nome Ondjaki só podem ser as que escalam ao nível da “estiga”, esse “lugar de criatividade”: as estigas são “tenções” verbais angolanas de que conhecemos antepassados de há séculos na literatura, que talvez seja o que os kuduristas chamam “bifes”, e que os jovens que frequentam a globalização, o *rap* e o *hip-hop* chamam, e por isso praticam, “*batalhas de rimas*”. São as “estigas” que estão presentes, por exemplo no *Bom dia camaradas* (de 2000) ou na eterna *Ynari, a menina das cinco tranças* (de 2004), uma obra central da literatura infantojuvenil, que em Portugal levou as luminosas e quentes ilustrações de Danuta Wojciechowska.

Nas obras menos obviamente destinadas a jovens leitores, a traquinice acontece - sim, a traquinice é uma coisa que parece que possui as pessoas sem que estas o desejem - acontece a várias das suas personagens infantis, no mesmo berço onde nascem as palavras: o da imaginação.

Como afirmou: “Nós, angolanos, temos uma relação de imaginação com a palavras”¹ e o leitor não-angolano descobre-se, na mesma língua portuguesa que partilha com os textos de Ondjaki, parte dessa capacidade criadora da palavra. Como as duas personagens principais desse conto, texto e leitores podem, como *Ynari*, e cito “conversar sobre as palavras, a importância que as palavras tinham na vida de cada um, como as usavam, quando as usavam, com quem as usavam, e que significado tinham para o coração de cada um deles.” (*Ynari*, pág. 16).

Para lá da fruição que algumas surpresas em livro nos oferecem, é sabido que lemos com maior usufruto o que estamos preparados para ler, ou ouvir, ou ver, porque “os ouvidos são como os olhos e o coração: cada pessoa vive neles um ruído ou uma música bonita” (isto é o que Ondjaki escreve no seu mais recente álbum para crianças que publicou com o ilustrador Alex Gozblau, *Senhor Feroz*, de 2022). Por isso, usarei os meus próximos 12-13 minutos para, depois de visitarmos de relance as suas obras, tentar falar-vos do que delas saboreei.

O nosso autor, prosador e poeta, juntará o Prémio que hoje a Universidade de Évora tem a honra de lhe atribuir a vários prémios de que destaque:

- o importante Prémio brasileiro Jabuti de Literatura, recebido em 2010, na categoria juvenil, pelo romance *Avó dezanove e o segredo do soviético*, romance adaptado ao cinema por João Ribeiro (em 2019), uma história inspirada na infância de Ondjaki que se desenrola na década de 80, em Luanda, no dia a dia do bairro Praia do Bispo, com a Avó Agnette, o narrador e os seus melhores amigos, Pi e Charlita a entrarem numa aventura para impedir a obra do Foguetão, de que são responsáveis os

¹ https://www.youtube.com/watch?v=Ov5AXbUUf70&ab_channel=TEDxTalks

soviéticos, e a conseqüente destruição das casas do bairro para melhorar o entorno dessa construção, que é o mausoléu que abrigará os restos mortais do ex-presidente Agostinho Neto;

- e o outro prémio, o Prémio Literário português José Saramago, atribuído em 2013, ao romance publicado no ano anterior, *Os Transparentes*, que narra a história de um homem, Odonato, que se vai tornando invisível. Pobre, enrolado em burocracia, vítima de violência e desencanto, morador do sétimo andar de um prédio, que é um microcosmos social fervilhante, numa Luanda onde decorrem escavações em busca do petróleo, que desassossegam os cidadãos.

Assim, de rajada, conseguimos elencar as obras da sua tão consolidada quanto promissora bibliografia ainda incompleta:

- estreia-se no início do século com a poesia, publicando *Actu Sanguíneu* (2000);
- em 2001, além do romance *Bom Dia Camaradas*, em que assistimos na mudança dos tempos - está-se no pós-colonialismo imediato e revolucionário de Angola - a duas gerações que convivem em forma de diálogos e relatos e procuram a resposta à pergunta muito concreta “Mas camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre?”; publica também o seu primeiro livro de contos, intitulado *Momentos de Aqui*, em cujo prefácio Mia Couto (agora são colegas de Prémio Vergílio Ferreira!) o define como tendo uma missão na sua arte da palavra: “desengaiolar sentimentos”;
- em 2002, na novela *O Assobiador* relata a chegada a uma aldeia de um forasteiro, misterioso como todos os que vêm de fora, cujo assobio, como poema que parece virar feitiço ou oração, provoca estranhas reações a

vários moradores; e nesse mesmo ano lança o livro de poesia *Há Prendisajens com o Xão - O segredo húmido da lesma & outras descoisas*, uma assumida reação à leitura dos versos de Manoel de Barros, de quem, nos agradecimentos, diz que “*distante ensinou a tanta importância do chão : que deve ser promovido a almofada, mas ele sobre nós*”);

- em **2004**, para além da *Ynari*, que num percurso de crescimento acompanhada por um ser mágico, ou imaginado, tanto faz, troca as suas cinco tranças para restabelecer a paz em outras tantas aldeias, onde o não-uso dos cinco sentidos desencadeava guerras, como sempre estúpidas, em 2004 dizia, publicou o romance *Quantas Madrugadas Tem a Noite*, onde nem a morte dá sossego a Adolfo Dido, que tem as suas duas mulheres a fazer banzé a propósito do direito à pensão de viuvez, em divertidas peripécias muito politizadas, a que nós leitores assistimos, como se encostados a um balcão de um bar, num longo monólogo desenrolado pelo defunto;
- para a infância e juventude, Ondjaki volta a publicar, em **2008** *O Leão e o Coelho Saltitão*, em **2009** *O Voo do Golfinho*; e em **2011**, a novela *A Bicicleta que Tinha Bigodes* que será Prémio Bissaya Barreto de Literatura para a Infância (2012) e que, no ano seguinte, no Brasil, receberá o Prémio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, prémio da Literatura em Língua Portuguesa, instituição que classificará, em 2014, *Uma Escuridão Bonita* (de **2013**), como um dos melhores livros para a infância e juventude;
- ainda para a infância, publica, em Portugal em **2014**, *Ombela - a Origem das Chuvas*, ilustrado por Rachel Caiano, livro que já vinha premiado de Angola, em 2011, pelo Prémio Caxinde do Conto; já *O Carnaval da Kissonde* é publicado em Angola em **2015**, com ilustrações de Vânia

Medeiros; em Portugal com António Jorge Gonçalves publica *O convidador de pirilampos*, em 2017, que também já subiu ao palco; *A estória do sol e do rinoceronte*, com ilustração de Catalina Vasquez, sai em 2020.

- ainda em Portugal em 2005 publica-se *E Se Amanhã o Medo* (livro de contos), que trazia já de Angola e do ano anterior o Prémio Sagrada Esperança e cá conquistou o Prémio António Paulouro da Câmara Municipal do Fundão;
- em 2007, *Os da minha rua* são as “estórias” do ano em que recebe o prémio da Associação Portuguesa de Escritores: lá retorna o narrador-autor à sua infância e juventude, a uma Luanda de entre o final da década de 70 início dos anos 90, numa escrita que retrata quotidianos em tom ao mesmo tempo intimista e emocionante, numa voz sempre poética;
- respetivamente em 2009 e 2010, reaparece a poesia em *Materiais para a Confeção de um Espanador de Tristezas* e, agora reunidos, *Dentro de Mim faz Sul e Actu Sanguíneo* a primeira publicação;
- também poesia, publica na Galiza em 2015 *os modos do mármore*, um livro objeto gráfico idealizado por Ana Varela; e, em 2018, de novo em Portugal, é editado *há gente em casa*.
- em 2014 reuniu um conjunto de contos que intitulou *Sonhos Azuis pelas Esquinas*, conhecido no Brasil pelo título *O céu não sabe dançar sozinho*,
- em 2020, *O Livro do Deslembamento* leva-nos de novo pelos olhos de uma criança a Luanda, no período em que a guerra civil parou, houve eleições pela primeira vez, mas, em pouco tempo ela, a guerra, se reacendeu.
- terminando esta lista certamente incompleta e desejavelmente aberta, falta dizer que, para teatro, publicou, em 2014, *Os Vivos, o Morto e o*

Peixe-Frito; texto que passou para o ecrã no telefilme com o mesmo título realizado por Daniela Ruah, e que leva quem lê e vê até ao ano de 2006, quando Portugal e Angola se defrontam no Mundial de Futebol, e angolanos, moçambicanos, guineenses, são-tomenses, cabo-verdianos e portugueses se juntam, em chão europeu, para assistir ao jogo, pela televisão, num festim de cerveja, peixe frito e grandes expectativas.

Ondjaki tem livros seus traduzidos para francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, sérvio, sueco e polaco... pelo menos. Escreve para cinema, em 2007 corealizou com Kiluanje Liberdade um documentário sobre a cidade de Luanda com o título *Oxalá cresçam pitangas – histórias de Luanda*, e mais recentemente a curta-metragem *Vou mudar a Cozinha* de 2021, que girou também há pouco para livro, com o mesmo título, e onde nos seis contos (ou serão três mais três?) o feminino é sujeito e predicado, para além de adjetivo, e é central. Podemos por isso dizer que Ondjaki é, como já lhe chamaram, “realizador de literaturas”².

Não conseguimos, na sua voz tão própria, perceber influências únicas que nos permitam adivinhar leituras preferidas. Apenas sabemos que foram muitas, frequentes, acompanhadas pelo ouvir atento do texto tradicional oral, e que o viciaram certamente no uso da palavra. Palavra que saboreia e nos dá a provar. Como o próprio já confirmou, em resposta à habitual questão das influências, os livros que vai lendo, e que nele se acumulam, são como os sonhos: “é que se num dia sonhamos um sonho, no dia seguinte sonhamos outros”, disse³.

Para leitores de literatura mais ou menos proficientes, onde até podemos fazer a distinção entre leitores infantojuvenis e os outros, a

²<https://www.tsf.pt/mundo/vou-mudar-a-cozinha-escritor-angolano-ondjaki-estreia-se-no-cinema-13905797.html>

³<https://unilab.edu.br/2016/07/25/entrevista-escritor-ondjaki-conta-sobre-sua-escrita-influencias-e-relacao-com-a-lingua-portuguesa/>

atenção que a voz de Ondjaki dá às pessoas transformadas em personagens parte de relações sempre enriquecedoras. Talvez as consigamos até sistematizar e, assim, hierarquizar a sua presença: primeiro as relações intergeracionais, muito enraizadas na mãe comum a que chamamos Natureza, depois as relações entre homens e mulheres, e finalmente as relações entre os íntimos e os estranhos. Muitas vezes estas relações, como numa grande capital, sobrepõem-se e acumulam-se em identidades que oferecem ao leitor uma leitura de vários mundos: os que, ou estão fora do próprio mundo do leitor, que assim cresce, por mão amiga que traz consigo outras realidades; ou são mundos muito semelhantes ao mundo do leitor, que neles se revê, podendo repensar situações e desenlaces. Talvez até indo a tempo de modificar as vidas de algum leitor, numa quase-função-extraordinária-terapêutica que há quem atribua, não sem polémica por sobrevalorizada, à literatura.

Vou concluindo com algumas ideias que fui alinhando, em notas, para pensar e falar sobre Ondjaki:

Ao terminar um livro de poemas, de estórias ou um romance de Ondjaki, imagino-o, numa leitura minha talvez demasiado criativa, a ensaiar compreender a realidade para a partilhar, conosco, leitores da sua obra, usando a palavra estética para além da comunicativa. E as relações entre as pessoas que vemos nas páginas, mas também ao nosso lado, para lá dos laços de sangue. têm “a ver com laços de gostar” (cito o seu tal último álbum, dito para crianças, *Senhor Feroz*)

Em Ondjaki, a palavra poética é, na maior parte do que escreve e diz, a palavra da explicação para além da expressão visceral ou epidérmica, nunca superficial; não se fica pela sensação ou a emoção, em modo de suspiro ou de grito, como acontece tanto na poesia.

E os seus textos de carácter narrativo, que vemos e ouvimos em livro, na tela ou no palco, iluminam sobretudo a categoria deste género literário a que chamamos personagem (até os espaços, como Luanda, fazem essa transmutação de categoria, de espaço para personagem). Temos neles vidas mesmo vividas ou imitadas para “efeitos literários”, como o próprio já desvendou, em que o realismo só parece interrompido - mesmo que seja por muito tempo, materializado em páginas, - pela magia que pode acontecer nos sonhos.

Para Ondjaki "a poesia não é a chuva, é o barulho da chuva". E quando um autor nos explica assim o que sabe sobre o seu uso das palavras, como não lhe atribuir um prémio que leva o nome de Vergílio Ferreira? O Vergílio Ferreira que escreveu em *Espaço do Invisível III* (publicado em 1977, ano em que Ondjaki, guerreiro e traquinas das palavras, nasceu), e cito então, a fechar, Vergílio Ferreira: “se na mais breve palavra está o aviso do insondável, se o espaço do invisível se anuncia no do visível, é na obra de arte que mais presente e visível se nos revela o invisível”.
Obrigada.